

Tempo de
APRENDER,
tempo de
PERDOAR

Copyright © 2023
por Rodrigo Távora

Todos os direitos desta publicação reservados à Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA. Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização, salvo como referência de pesquisa ou citação acompanhada da respectiva indicação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n.9.610/98 e punido pelo artigo 194 do Código Penal.

Este texto é de responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA.

Diretor-executivo

Guther Faggion

Editora-executiva

Renata Sturm

Diretor Comercial

Nilson Roberto da Silva

Editorial

Pedro Aranha, Luana Sena

Revisão

Eliana Moura Mattos

Marketing e Comunicação

Rafaela Blanco

Diagramação

Matheus Torres

Direção de Arte

Rafael Bersi, Matheus da Costa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

TÁVORA, Rodrigo

Tempo de aprender, tempo de perdoar : um romance espírita
/ Rodrigo Távora. -- São Paulo : Maquinaria Sankto Editora e
Distribuidora Ltda, 2023.
176 p.

ISBN 978-85-94484-19-2

1. Literatura espírita 2. Espiritualidade I. Título

23-5784

CDD 133.9

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Literatura espírita

maquinaria
EDITORIAL

Rua Pedro de Toledo, 129 - Sala 104
Vila Clementino — São Paulo — SP, CEP: 04039-030
www.mqnr.com.br

PREFÁCIO POR MARISA FONTE

Rodrigo Távora

Tempo de
APRENDER,
tempo de
PERDOAR

UM ROMANCE ESPÍRITA

maquinaria
EDITORIAL

DEDICATÓRIA

Dedico este livro para uma grande pessoa, que, do alto dos seus 1,60 m, é a maior mulher que conheci. Carla esteve comigo desde os 15 anos de idade e, entre idas e vindas, nos casamos aos 29 anos. Ela esteve comigo nos momentos mais difíceis da minha vida.

Sempre ao meu lado, apoiando, orientando, sendo aquela voz lá no fundo que te conduz ao caminho correto, me fazendo pensar e decidir com mais racionalidade. Foi por causa dela que tive os melhores momentos da minha vida.

Se hoje sou o que sou e tenho o que tenho, grande parte disso devo a essa grande mulher. Se hoje estou vivo, é porque ela sempre me incentivou a ter uma alimentação melhor, fazer mais exercícios e ter mais cuidados com a saúde.

Durante todo o período da minha doença, foi ela quem esteve ao meu lado, desde o dia em que recebi o resultado do exame, no dia da minha internação, no dia em que despertei, no dia em que saí do hospital e até os dias de hoje.

Por ser médica, essa grande mulher enfrentou a pandemia e os riscos de contaminação e morte. Enfrentou os riscos de me visitar no hospital. O próprio médico da UTI me disse: “Valorize sua esposa, pois eu nunca vi uma mulher fazendo o que ela fez... enfrentar o hospital inteiro para ter autorização de acesso à UTI para te ver.”

Do outro lado, eu sentia sua presença e a via sempre em meus sonhos. Eu lutava muito para voltar à ela e aos nossos filhos. E, quando voltei para casa, essa mulher tinha preparado tudo para o meu retorno. Uma casa sem uma mulher é um lugar vazio. Uma vida sem essa mulher seria uma vida vazia.

Eu tenho sorte de ter essa mulher em minha vida e, embora eu falhe, pois sou humano, reconheço a esposa que ela é, agradeço todos os dias por ela, a honro e a amo com todas as minhas forças.

Carla, amo você!

*“A nossa felicidade será naturalmente proporcional em
relação à felicidade que fizermos para os outros.”*

ALLAN KARDEC

11
PREFÁCIO

13
PRÓLOGO

SUMÁRIO

PARTE I - SONHOS E APRENDIZADOS

17	61
SETE DIAS ANTES DA INTERNAÇÃO	QUANDO O APRENDIZ ENSINA SEU MESTRE
25	67
DIA DA INTERNAÇÃO	DECISÃO
33	75
O AVIADOR	INIMIGOS
43	77
DORES	ENTRE DOIS MUNDOS
47	79
A TRIBO E O VITRAL	TRATAMENTO
53	87
QUARTO DE ENSINAMENTOS	PARTIDA

PARTE II - RENASCIMENTO

97

RETORNO

101

CORRENTE

107

LEGADO

115

CONSTELAÇÃO

121

VIDAS, MESTRES
E APRENDIZADOS

127

REGRESSÃO

131

TRIBO

135

CAMPO DE BATALHA

141

FELIZES SÃO OS MANSOS
E OS PACIFICADORES

147

O TEMPO NECESSÁRIO
NÃO É O NOSSO TEMPO

153

A VIDA É UM PRESENTE

155

UMA ALDEIA, MUITO
APRENDIZADO

159

O ATO MAIS DIFÍCIL

163

APRENDIZADO

165

ATO FINAL

PREFÁCIO

O romance de Rodrigo Távora nos convida a refletir sobre a importância de olharmos para a vida sob um novo prisma, e mostra que ela está muito além do que os nossos olhos materiais têm condições de enxergar. Essa ótica espiritualista traz reflexões e ensinamentos que podemos empregar diariamente em nossas vidas, como, por exemplo, aprender a ver além das aparências, e compreender que somos muito mais do que a matéria que enxergamos, convidando-nos a pensar sobre a nossa essência como seres eternos, temporariamente neste mundo para aprendermos um pouco mais a cada dia. Sua narrativa nos instiga a considerar a continuidade da vida e a refletir sobre como as experiências das encarnações anteriores determinam a nossa maneira de ser, embora sejamos incentivados constantemente a renovar os nossos costumes e crenças.

Rodrigo conta sobre a sua *experiência de quase-morte*, e de como isso trouxe reflexões acerca da sua própria conduta e de como ele havia vivido até então. Em vários momentos ele se encontra em situações nas quais percebe que a maneira como agia com as pessoas ao seu redor poderia ser bem melhor, mas que para isso seria necessário rever a sua postura diante dessas mesmas pessoas e situações.

É muito emocionante ver como ele começa a se conscientizar de que na vida é preciso às vezes amparar e outras tantas ser amparado, pois dessa forma torna-se possível equilibrar o exercício de dar e receber ao qual a vida nos incita a todo instante. As descobertas e os sentimentos que as experiências proporcionaram ao autor são abordados de maneira leve e delicada, tornando a leitura agradável e trazendo uma série de aprendizados e mensagens positivas nas entrelinhas.

Sob essa ótica espiritualista, a leitura deste livro convida a pensar e repensar a maneira como estamos agindo diante da nossa própria existência, e nos lembra sobre a efemeridade e a fragilidade da vida que vivemos aqui na Terra, e que pode ser interrompida quando menos esperamos. E aí nada do que possuímos vai valer alguma coisa. Todos os tesouros materiais não são suficientes para comprar um minuto a mais da experiência terrena que temos, pois o verdadeiro tesouro consiste em amar, perdoar e tornar-se um ser humano cada vez melhor — não para mostrar isso aos outros, mas para honrar a vida que nos foi dada, e para que possamos ter a tranquilidade de haver aprendido e assimilado as lições que a vida oferece a cada momento. Essa obra merece ser lida, relida e meditada, e que suas lições sejam colocadas em prática.

MARISA FONTE

*Psicanalista, consteladora, escritora, médium e palestrante
Especialista em Neurociência, Psicologia Positiva e Mindfulness (PUC-PR)*

PRÓLOGO

Luzes e rostos fluuavam sobre minha cabeça. O torpor causado pelos medicamentos me impedia de ter a lucidez necessária para identificar de onde vinham as vozes, mas eu sabia que aquilo não significava algo bom.

Tudo transcorrera tão rápido que ainda parecia um sonho. Um sonho ruim.

— Sr. Rodrigo? — perguntou-me a voz.

Eu escutava, mas não conseguia responder.

— A saturação ainda está baixa. E caindo — outra voz ecoou.

Esforcei-me para não perder contato com a realidade, mas era inútil. As luzes sobre minha cabeça começavam a desaparecer e, meu corpo, a mergulhar numa necessidade incontrolável de descansar.

— Sr. Rodrigo, precisaremos entubar o senhor. Consegue me entender?

A voz persistente confirmava meu maior temor. Ainda assim, me era impossível reagir. Então, tudo ficou escuro. Eu havia mergulhado em sono profundo.



PARTE 1

*Sonhos e
Aprendizados*

CAPÍTULO 1

SETE DIAS ANTES DA INTERNAÇÃO

Despedi-me do cliente como de costume: um aperto de mão caloroso, a confirmação de que faríamos contato. Voltar à rotina em tempos de auge de pandemia era um desafio para qualquer um que, como eu, trabalha na área comercial. Sendo gerente regional do Banco Santander, sempre julguei contato pessoal, olho no olho, algo essencial. Afinal, nada substitui um aperto de mão, um abraço ou um cafezinho.

Haviam se passado meses de reuniões online e home office, novos hábitos impostos pela pandemia. Apesar de seguir rigorosamente as normas para evitar contato físico — em parte, graças à insistência de minha esposa, Carla, que é médica —, ficar trancado no apartamento horas a fio havia se tornado um tanto claustrofóbico. Por isso, no finalzinho de minhas férias, quando fui informado pelo meu superior de que seria necessário visitar algumas de nossas filiais, não hesitei em aceitar.

Álcool para higienização das mãos, máscara e uma boa parcela de cuidado, e, então, tudo ficaria bem.

E foi assim. Depois de um dia de reuniões na segunda-feira após meu retorno das férias, providenciei as passagens aéreas e segui o roteiro planejado. As normas restritivas pouco a pouco estavam arrefecendo, e a pandemia de covid-19 parecia já ter atingido seu pico e, gradualmente, enfraquecido.

Naquela noite, às vésperas da viagem, dormi mal. Chamem de presentimento ou de aviso do inconsciente, mas o fato é que eu sentia que algo estava errado, fora de lugar. Pela manhã, preparei-me para sair, beijei meus filhos e desci para o hall do edifício em que moramos para esperar o Uber. O motorista, obviamente inspirado, dedicou boa parte do trajeto para falar sobre a pandemia e as brigas políticas decorrentes da vacinação. Era incrível como, nos últimos tempos, qualquer assunto parecia ter ganhado contornos quentes de partidarismo e uma boa dose de fanatismo.

Vários minutos de viagem haviam se passado quando, num estalo, percebi que tinha esquecido minha mala.

Novamente, a sensação de que tudo estava fora do lugar me aconeteu. Aquilo nunca havia acontecido antes.

— O senhor quer que volte para pegar? — perguntou-me o motorista.

— Sim, por favor — respondi, conferindo o horário. Tínhamos tempo até o aeroporto de Congonhas, mas minha vontade, que gritava em meu

íntimo, era dizer que ele poderia me deixar em casa, porque não viajaria mais.

Finalmente, com minha mala no bagageiro do carro, retomamos o caminho ao aeroporto. Conferi mais uma vez o horário e constatei que teria tempo de sobra para pegar o voo. Então, por que estava tão angustiado?

Uma vez no aeroporto, dirigi-me ao portão de embarque doméstico.

— Bom dia, senhor. Boa viagem — disse-me a atendente, após conferir minha passagem.

Meneei a cabeça, assentindo. Pelo corredor, entre guichês, lojas e portões numerados, eu refletia sobre a angústia que me preenchia. Pensei nos meus filhos, Alice e Pedro, e também na minha esposa, Carla.

E se o avião cair?

Tive uma formação espírita desde muito novo, apesar de, há bastante tempo, ter abandonado a frequência nos cultos. Todavia, isso não me tornava necessariamente supersticioso.

Ajustei a máscara sobre o rosto e procurei um assento junto ao portão de embarque, sobre o qual o painel eletrônico indicava ‘Belo Horizonte’ como destino, juntamente com o horário de partida.

Estou é paranoico, pensei, notando que ainda restavam alguns minutos para meu embarque. *Pare de procurar sinais onde não existem.*

Dediquei-me então a conferir mensagens no WhatsApp e a responder alguns e-mails mais importantes pelo celular. Pensei em ligar

para Carla, dividir com ela minha aflição, mas desisti. Era seu horário de plantão no hospital e, além do mais, só a deixaria preocupada. Mal notei o tempo passar e, quando dei por mim, a voz no autofalante já anunciava meu voo.

Seja o que Deus quiser, pensei, enquanto o micro-ônibus cruzava a pista e estacionava próximo à aeronave. Desci e, depois de alguns solavancos e trombadas, instalei-me em meu assento no avião. Procurei no *iTunes* alguma playlist de músicas relaxantes e, com fones nas orelhas, fechei os olhos no exato momento em que a comissária de bordo gesticulava, dando instruções de segurança e de proteção contra a covid.

Foi nesse ínterim, logo após o avião decolar de Congonhas, que peguei no sono, despertando apenas com o toque da aeromoça, me avisando que estávamos para aterrissar em Confins.

— Grato — agradei, sem jeito por ter dormido tanto. Me endireitei no assento e esperei a aeronave tocar o solo.

Bom, aqui começa a missão, disse a mim mesmo, já sentindo-me mais calmo. Toda aquela angústia não passara de um alarme falso.

Assim que meu celular recuperou sinal, fiz algumas ligações para os responsáveis pelas áreas dos departamentos de BH e confirmei se o motorista me aguardaria no saguão de desembarque. Fui informado de que Daniela Lobato, gerente responsável pela unidade de Belo Horizonte, estaria em Confins pessoalmente para me encontrar. Seria nosso primeiro encontro após um longo tempo de isolamento, e eu estava feliz

de rever uma grande amiga.

Estava tudo certo. Minha agenda, repleta de reuniões e visitas, foi cumprida com esmero. Após jantar com o gerente do departamento, dei o dia por finalizado.

— Estou ligando para dar notícias — eu disse, ao celular, assim que Carla atendeu. Eu havia acabado de entrar no quarto do hotel e saltitava sobre um pé só, enquanto tirava o sapato. — Como estão as crianças?

— Por aqui, tudo bem — ela respondeu, com voz cansada. — E você? Está se cuidando?

— Com excelência. Mereço um dez — brinquei. Desde que comuniquei minha viagem, Carla ficou bastante preocupada. Eu sabia que, como médica, ela tinha visto horrores nas alas dos hospitais. Mesmo em casa, grande parte das atitudes de prevenção partia dela. — Não se preocupe, amor. Vou ficar bem.

— Você se acha um super-homem, né? Acha que nada acontece contigo — ela disse.

— Usei máscara e só tirei para tomar um cafezinho e jantar. Limpei as mãos com álcool em gel também. Fiz minha parte,oras — falei. — A turma do departamento já voltou ao ritmo de viagens e todo mundo está bem. Não é comigo que vai acontecer o pior.

A contragosto, ela aceitou meu argumento. Conversamos por mais alguns minutos e depois desliguei. Estava exausto.

Naquela noite, dormi como um anjo. Tudo corria às mil maravilhas.

No dia seguinte, voltei a São Paulo e fui direto para o escritório. O restante da semana seria de home office, então aproveitei para adiantar assuntos pendentes, que exigiam minha presença física. Um desses assuntos foi confirmar, para a segunda-feira seguinte, uma reunião em Campinas, área que também fazia parte de minha responsabilidade.

E foi justamente nesse dia que tudo começou. Como falei, despedi-me do cliente, apertando sua mão. Era uma reunião importante, que terminara bem-sucedida. Assim que entrei no carro, limpei as mãos com álcool em gel e liguei o ar. Sentia a garganta ressecada e um princípio de coriza.

— Era o que faltava — murmurei, dando partida para pegar a Rodovia dos Bandeirantes no retorno à capital.

Até aquele momento, ainda que o mal-estar piorasse, não me passara pela cabeça ser algo grave. O mais provável, eu achava, era ser uma gripe, em virtude do contato com várias pessoas nos dias subsequentes após um longo período de isolamento. Como era junho e as temperaturas oscilavam entre dias ensolarados e noites geladas, não havia organismo que aguentasse.

Além disso, minha família tinha acabado de voltar de uma viagem de férias, e nada acontecera.

— Tudo bem? — perguntei, assim que Carla atendeu à ligação. Eu falava pelo bluetooth do carro e sentia minha voz mais fanha.

— Aqui, sim. Como foi aí?

— Estou voltando e acho que peguei gripe.

— Jura? — ela pareceu preocupada.

— É só gripe — insisti. — Deve ter sido friagem.

— Passe na farmácia e faça o teste de covid — aconselhou.

Concordei, mas, obviamente, não passei na farmácia. Quando cheguei a São Paulo eu me sentia tão indisposto, que só queria tomar um banho e me deitar. Naquela noite, por precaução, me mantive longe das crianças e de Carla e dormi sozinho no quarto.

Antes de finalmente pegar no sono, depois de um punhado de analgésicos e de antitérmicos, olhei para o teto e agradei pelo dia. Certamente, quando amanhecesse, eu estaria melhor.

CAPÍTULO 2

DIA DA INTERNAÇÃO

Eu não melhorei. Pelo contrário, estava pior, com febre, dor no corpo e tosse.

Deixando a teimosia de lado, rendi-me e fui à farmácia fazer o teste rápido de covid-19. Algo em mim dizia que não passava de uma gripe forte, mas o resultado me provou o contrário: eu estava com covid. De todos no departamento que viajaram, eu havia tirado *a sorte grande*.

Como marido de uma médica, passei a ganhar tratamento VIP. Oxímetro no dedo, monitoramento de temperatura, muito líquido e uma boa refeição. Tratei de tranquilizar as crianças, sobretudo Alice, que, por ser mais velha, tinha ficado bastante preocupada com o resultado do teste.

— Não se preocupe, filha. Minha saturação está ótima — falei, indicando o oxímetro, que apontava para 98. — Não sinto falta de ar. Daqui a uns dias, estou ótimo.

O argumento pareceu convencê-la, mas não à Carla. Notava, dia após dia, minha esposa com o semblante mais preocupado e taciturno.

No meu sexto dia de covid, porém, a situação piorara. Minha febre